PORTE PAGO
IMPRESSO I
Aut. Nº 154 ISR 58.246/79
FPOLIS. — DR/SC

BOI de MAMÃO

Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

FLORIANÓPOLIS, JULHO, 1980 No. 02 Cr$ 15,00

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

BOI de MAMÃO

Edição da Fundação Catarinense de Cultura
Rua Victor Konder, 71
88.000 – Florianópolis, SC

Diretor-Responsável: João Nicolau Carvalho
Editor-Chefe: João Paulo Silveira de Souza
Editora de Texto: Colaca Grangeiro
Conselho Consultivo: Alcides Buss, Carlos Humberto Corrêa, Celestino Sachet, Doralécio Soares, Harry Laus, Holdemar Menezes, Jair Francisco Hamms, Laudelino Santos Neto, Lauro Junkes, Lindolf Bell, Marcos Konder Reis, Nereu Corrêa, Nereu do Vale Pereira, Osmar Pisani, Osvaldo Mello Filho, Paulo Costa Ramos, Salomão Antonio Ribas Júnior, Silvio Coelho dos Santos, Theobaldo Costa Jamundá.
Diagramação: Claudio Roberto Stefaniak
Arte: Kleber Rigueiras
Composição de Texto: Déborah Regina Lacombe, Maria H. Milani, Carlos A. Pereira, Lenir Lídia da Silva, Mauriliano Pereira Costa, Marli Basquerote Walter, Arlete Raupp, Julia Margarida Melo Emerim.
Serviços Gráficos: Neri Marçal
Revisão: Tereza Aguiar, Salete Caset, Marise V. Andrade, Margaret M.A. Berni, Maria da Graça Vieira.
Capa: "Equilibrista" (1952), de José Silveira d'Ávila

Composto e Impresso nas Oficinas da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (IOESC) – 1980

CORAIS CONCORREM NO JB

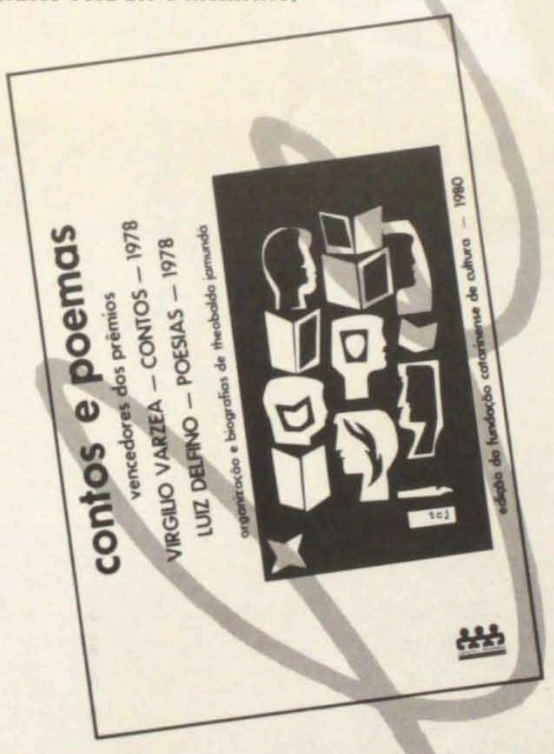
O Jornal do Brasil irá promover, de 1o. a 5 de outubro, deste ano, na Sala Cecília Meireles, o 7o. Concurso de Corais do Rio de Janeiro, que conta com o patrocínio da SEAC-FUNARTE, do Ministério da Educação e Cultura. As inscrições poderão ser feitas na Sucursal do JB do Paraná, Santa Catarina, na Rua Presidente Faria. 51-1103, em Curitiba, até o dia 5 de setembro, estando abertas desde o último dia 2 de junho. Podem concorrer corais de qualquer natureza ou estabelecimento: escolas, empresas, igrejas, clubes, grupos particulares, etc. O concurso é de âmbito nacional.

Para efeito de premiação, os conjuntos serão compreendidos em quatro categorias: categoria A – corais infantis (até 12 anos); Categoria B – corais juvenis de vozes iguais (entre 12 e 18 anos); Categoria C – corais juvenis de vozes mistas (entre 12 e 18 anos) e Categoria D – corais adultos (a partir de 18 anos). Aos vencedores de cada categoria serão concedidos os seguintes prêmios: 1o. prêmio, 50 mil cruzeiros e troféu; 2o. prêmio, 25 mil cruzeiros e troféu, havendo um prêmio de 15 mil cruzeiros para a melhor interpretação da peça de confronto.

O concurso compreenderá duas etapas. Uma, eliminatória, que se realizará nos dias 1, 2 e 3 de outubro, quando serão apresentadas as peças de livre escolha e as peças de confronto. A outra etapa, final, tem como programa a apresentação de peça de autor brasileiro; peça de autor pré-clássico, clássico, romântico ou contemporâneo e peça de floclore nacional ou internacional.

PRESENÇA DA POESIA EM SANTA CATARINA – de Lauro Junkes. Capa do Estúdio Lunardelli – 272 pp. – Cr$ 400,00 – Editora Lunardelli, Florianópolis, SC.

Fruto de alguns anos de pesquisa e análise, esta *Presença* desenvolve a mais completa visão panorâmica da evolução da poesia em Santa Catarina, por ser uma antologia que contém desde os primeiros cultores do gênero em nossa literatura até os dias atuais. Lauro Junkes, professor de Graduação e Pós-Graduação em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina, é um dos críticos literários mais ativos, com inúmeros trabalhos já publicados em livros e na imprensa brasileira. Considera a *Presença da Poesia* sua melhor obra até o momento.



CONTOS E POEMAS – Edição da Fundação Catarinense de Cultura. Capa de TCJ – 156 pp. – Cr$ . . . . 70,00.

Com apresentação e notas do escritor Theobaldo Costa Jamundá, o volume reúne os trabalhos vencedores dos prêmios "Virgílio Várzea" (contos) e "Luís Delfino" (poesias) promovido pela Secretaria da Educação e Cultura de SC em 1978. Entre os contistas figuram: Glauco Rodrigues Corrêa, Marita Deeke Sasse e Amílcar Neves. Os poetas premiados são: Lindolf Bell, José Roberto Rodrigues e Alcides Buss.

Ilustram a edição os artistas plásticos: Hassis, Rosi Maria Winkler Darius, Átila Ramos, Jandira Lorenz, Reinaldo Pfau, Edson Machado e Guido Heuer.

CLUBE DE CINEMA "NOSSA SENHORA DO DESTERRO" – FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

CICLO AKIRA KUROSAWA

Programação para julho e agosto:

CÃO DANADO / NORAINU
1949; dias 2 e 3 de julho, às 20:30 h.

VIVER / IKIRU
1952; dias 9 e 10 de julho, às 20:30 h.

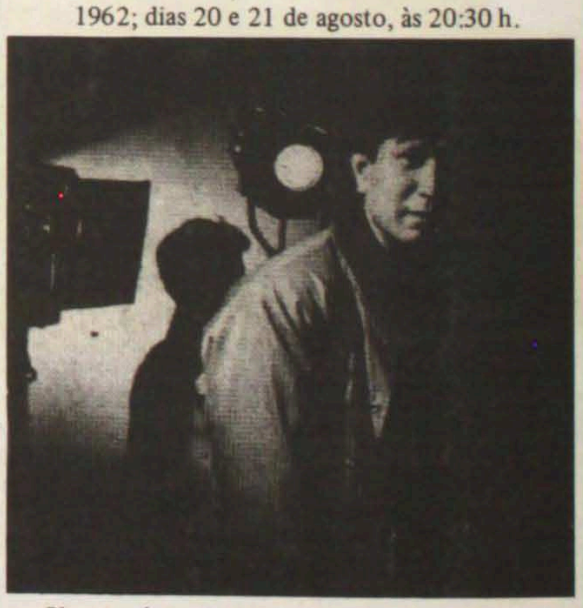
ANATOMIA DO MEDO / IKIMONO NO KIROKU
1955; dias 23 e 24 de julho, às 20:30 h.

O HOMEM MAU DORME BEM / WARUI YATSU HODO NEMURU
1960; dias 30 e 31 de julho, às 20:30 h.

OS HOMENS QUE PISARAM NA CAUDA DO TIGRE / TORA NO O FUMU OTOKOTACHI
1945; dias 6 e 7 de agosto, às 20:30 h.

YOJIMBO
1961; dias 13 e 14 de agosto, às 20:30 h.

SANJURO / TSUBAKI SANJURO
1962; dias 20 e 21 de agosto, às 20:30 h.



Obs.: As cópias apresentam legendas em Português.
Local: Cine Jalisco, Estreito – Florianópolis.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Eglê Malheiros

EGLÊ MALHEIROS Miguel nasceu em Tubarão (SC) mas criou-se em Florianópolis. É catedrática de História do Instituto Estadual de Educação. Fez parte do chamado **Grupo Sul**, *movimento cultural que deu novos rumos à literatura e à arte em Santa Catarina, na década de 50, tendo sido atriz do Teatro Experimental desse Grupo. Com o marido, o escritor Salim Miguel, escreveu o argumento e roteiro de* **O Preço da Ilusão**, *primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina. No Rio de Janeiro foi co-editora da revista* **Ficção** *e fez a adaptação e roteiro para os filmes* **A Cartomante** *(conto de Machado de Assis) e* **Fogo Morto** *(romance de José Lins do Rego), juntamente com Salim Miguel e Marcos de Farias. Cursou pós-graduação de Comunicação na UFRJ. É tradutora de livros de ficção e artigos técnicos do francês, inglês e alemão. Tem publicados* **Manhã** *(livro de poemas) e um ensaio sobre o poeta Cruz e Sousa, além de artigos, crítica de livros, contos, em jornais e revistas do país. Dedicada ao estudo e à pesquisa da Literatura Infanto-Juvenil, já ministrou cursos e participou de seminários em inúmeras universidades brasileiras, tendo sido diretora-secretária da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Presentemente é assessora e representante da FNLIJ em Santa Catarina.*

De novo residindo em Florianópolis, Eglê participa ativamente da vida cultural no Estado. **Boi-de-Mamão** *foi procurá-la para um "balanço" de seu pensamento e de seus planos.*

A CULTURA BRASILEIRA TEM QUE SER DE CONTESTAÇÃO

BM – *O Círculo de Arte Moderna (Grupo Sul), do qual participaste do princípio ao fim, tem sido, ultimamente, objeto de estudos e pesquisas, especialmente nos departamentos de literatura das universidades. Tu consideras a orientação dessas pesquisas válida para a compreensão do movimento como um todo?*

EM – Eu tomei conhecimento de um trabalho de dissertação de mestrado – da Lina Sabino – sobre o *Grupo Sul*. Ouvi falar que outras pessoas estão pretendendo fazer trabalhos neste sentido, mas não sei de nada positivo a respeito. Eu acho que o fato de se interessarem pelo *Movimento Sul* como um todo tem dois aspectos: um, que eu acho positivo, voltado para o conhecimento da nossa vida cultural, não só daqui de Santa Catarina mas do Brasil inteiro, tomando-se consciência da necessidade de uma memória nacional, porque embora seja necessário – e muito – mudar muitíssimo as coisas, essa mudança não pode ser feita no vazio. Ela tem que partir de um dado histórico e ter um projeto histórico, viável justamente por esse embasamento histórico. Então, esse lado é positivo. Por outro lado, há uma tendência aqui na Universidade de Santa Catarina e que, pelo que eu ouvi dizer, se nota também nas outras universidades provinciais, de reduzir o campo de atuação da inquietação universitária, tornando-o provinciano, municipal e, talvez seria o ótimo, distrital. Esta preocupação eu acho negativa. Estudar o *Grupo Sul* ou o grupo seja lá que nome tenha – de Santa Catarina, Rio Grande do Sul ou de Minas – com uma perspectiva nacional e olhando os valores universais da cultura humana, eu acho importante. Mas estudar seja qual for o movimento no sentido de incrustá-lo num espaço restrito da vida cultural eu acho perigoso. Perigoso e até, inclusive, contrário à perspectiva do próprio *Grupo Sul*, porque é importante lembrar que o *Sul* se propunha, na época, a justamente romper o ilhamento, fazer com que Santa Catarina deixasse de ser uma exceção, um isolamento dentro da vida cultural brasileira.

BM – *Esse interesse em reviver unicamente o movimento do Grupo Sul será um indício da falta de outros movimentos em Santa Catarina e que poderiam ser de igual importância ao que ele foi?*

EM – Se a fixação em Sul se deve à importância do movimento, à inexistência de outros ou à deformação de ponto de vista, é preciso lembrar o seguinte: felizmente, grande parte dos participantes do Sul ainda estão aí, vivos e atuantes (nós temos a lamentar, infelizmente, a morte de Aníbal Nunes Pires, cuja importância na vida cultural catarinense não foi ainda avaliada na medida do que deve).
Então, como eles existem e aparecem, as pessoas se lembram do *Sul*. Sinceramente, eu não vejo, depois do *Sul*, um movimento cultural organizado que tivesse a importância dele aqui em Santa Catarina. Não que não deva existir, que não possa existir coisa muito melhor e mais importante, mais aprofundada. Eu acho que há necessidade de existir mas eu não vejo. Se nós formos recuar mais, nós veremos que houve coisa até muito mais importante que o *Sul* e o exemplo disso é o movimento do Cruz e Sousa e do Virgílio Várzea e outros, que tinham uma proposta cultural muito definida, uma proposta política também muito definida e revolucionária para a época: antiescravista e republicana e com um ímpeto, uma capacidade de oposição ao *status-quo* da província que eu acho que deveria nos deixar, a nós do *Sul*, que nos orgulhamos do que fizemos, até envergonhados, porque justamente era um movimento cultural que surgiu numa época de contradições muito mais agudas que aquelas em que nós atuamos e, então, é claro que a expressão deles é muito mais nítida do que a da nossa época e, nesse caso, inclusive, eu acho que nós deveríamos cobrar, com toda a veemência, do Hélio Ballstaed, a publicação dos estudos e pesquisas que ele está fazendo a esse respeito, que vai ser uma coisa muito importante para o levantamento da história cultural brasileira.

"A poesia de Cruz e Sousa não é de alienação. É de testemunho."

Eu fiz um artigo a respeito do Cruz e Sousa, recentemente, e o Hélio leu e disse que, usando as poesias do Cruz e Sousa, eu bati ponto por ponto em cima daquilo que ele levantara nos artigos, nos debates e nos escritos da imprensa da época. Então, a poesia de Cruz e Sousa, ao contrário do que se pretendia, que fosse uma poesia de alienação, de negação da sua condição social é, na verdade, uma poesia de testemunho, embora ela não tenha pretendido explicitamente ser isso, mas ela o é pela sua própria expressão. E o que existe de publicado na imprensa da época – debates e celeumas que eles levantaram – comprovam isso.

BM – *Tu falavas no início da nossa conversa em "processos de superação" desse abafamento sobre a inquietação universitária. É importante sabermos que processos são esses e como eles deverão se desenrolar, de acordo com teu ponto de vista.*

EM – Essa situação de que a inquietação cultural, o campo de atuação da pesquisa universitária ou da pesquisa cultural do Brasil de uma forma geral, vive um processo de abafamento, é resultado de um clima em que as verdades inexistem ou o pouco que existe são as verdades consentidas e não de direito. Então a pessoa fica sempre não querendo desagradar ao príncipe e não querendo desagradar ao príncipe ela não pode pensar livremente. O processo que eu considero de ampliação do debate cultural é principalmente uma consolidação das liberdades democráticas e será essa consolidação das liberdades democráticas junto com a consciência de que nós temos segmentos importantíssimos da sociedade brasileira que não podem se expressar ou quando se expressam têm sua voz abafada, que irá ampliar o caldo de cultura para que coisas novas surjam.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

É claro que esse processo de consolidação das liberdades democráticas não é uma coisa linear e não se faz em um dia. É um processo exterior às pessoas e ao mesmo tempo interior. É preciso que as pessoas se compenetrem de que é um direito que elas têm de discutir as coisas, de não aceitar pratos feitos e que os conflitos e as contradições são inerentes à própria vida social e que esses conflitos e essas contradições não fazem mal — pelo contrário, eles são produtivos, eles levam a coisas novas. O que é negativo para o tecido social é a pasmaceira, é o silêncio. Essa pasmaceira nunca é espontânea, ela sempre só pode ser conseguida à força e no meu entender só poderá haver realmente um florescimento da vida cultural brasileira quando as pessoas puderem livremente se organizar, debater, trocar idéias, sem se preocupar com as conseqüências extraculturais que essas coisas possam ter.

"O problema da censura é a ausência do debate."

Discute-se muito o problema da censura e fala-se: quantos livros foram censurados no Brasil, quantos não foram, tantos por cento de censurados eram de cunho erótico e só tantos por cento eram livros nitidamente culturais, etc. Eu acho que esse tipo de discussão não quer dizer nada. Porque podia ser que, existindo censura no Brasil, não tivesse sido censurado um livro que fosse, mas o malefício que a censura tinha provocado, esse malefício foi imenso e não temos como medir. Porque o problema da censura não é só o livro que é tirado de circulação. O problema da censura é a ausência do debate, é o fato das pessoas pensarem as coisas e não poderem discuti-las, não poderem colocar de público idéias suas — umas boas, outras até más, mas que se a pessoa não puder debater com os outros não pode saber se é boa ou má. Então esse malefício é que é o sério, porque o livro que é retirado de circulação volta amanhã ou depois, mas aquilo que deixou de germinar nas mentes, nas sensibilidades, pela falta do debate, ninguém pode repor.

BM — *O teu primeiro livro, editado pela Edicoes Sul, foi um livro de poemas. A partir daí a Eglê Malheiros que conhecemos parece não ter mais se interessado na produção desse gênero de literatura. É verdade?*

Em — Não é bem verdade assim não, porque depois do *Manha* eu publiquei poemas não só na *"Sul"*, mas no *"Roteiro"* e, esporadicamente em outros lugares, mas não publiquei mais nenhum livro. O que aconteceu, na verdade, é que com os acontecimentos de 64 eu sofri um verdadeiro bloqueio de criação artística. Não sei se pelo fato de eu ter deixado de lecionar — e o contato meu com os alunos, a preparação de aulas, o fato de sentir que aquilo que eu adquiria do ponto de vista cultural tinha um objetivo, não era uma atitude de deleite, uma atitude hedonística, assim de saber mais, mas sim de saber um pouco dividir com os outros pra ver se nós, todos juntos, chegaríamos à superação de uma série de problemas que o Brasil enfrenta — não sei se foi isso tudo que contribuiu para que me sentisse incapaz de uma produção artística.

"Preciso de liberdade para poder criar".

Passei até mais ou menos 74, 75 — quando a gente começou a organizar a *Ficção* e talvez eu tenha aí um processo de superação interna — sem criar nada. Durante esse tempo fiz traduções, estudei, fiz trabalhos na Fundação do Livro Infantil e Juvenil, mas do ponto de vista de criação artística eu não fiz nada. Agora, felizmente eu estou voltando. Talvez eu seja até uma dessas muitas pessoas — ao contrário do que se costuma dizer para defender os períodos de arbítrio — que precisam de um clima de liberdade para poder criar. Recentemente comecei a trabalhar na prosa e consegui dizer um pouco do que pretendo, embora eu ache muito complicado. Não sei se também na questão da poesia ocorreu um excesso de conscientização. . . Eu comecei a estudar mais o processo de criação poética e a analisar os poemas dos outros e os meus e, como aquele fulano que está andando de bicicleta, se for pensar que está andando ele pára de andar, houve isso um pouco comigo, que estou procurando deixar de lado.

BM — *Tu sempre foste uma pessoa atuante na vida cultural do País, como professora, como intelectual e, na revista* **Ficção**, *como editora e tradutora, sendo requisitada para ministrar cursos e conferências em diversas entidades culturais brasileiras. Achamos que Santa Catarina não utiliza como deveria a tua inteligência e o teu reconhecido potencial de cultura. Não achas que existe um estado de coisas em Santa Catarina que induz ao alijamento de valores comprovados que poderiam oferecer uma contribuição maior de participação sócio-cultural?*

EM — Esta pergunta tem um pedaço que é muito pessoal e me levaria a ter que fazer uma autolouvação, algo assim que não faz muito o meu gênero. Eu prefiro responder à parte geral e em parte isso me atinge, como atingirá — e muito mais — outras pessoas. Eu acho que já é tempo de notarmos que a cultura, as atividades do espírito, não pairam no ar, desligadas da vida material dos homens. A cultura é uma superestrutura, com suas leis próprias, mas muito intimamente ligada a interesses mais concretos. Há uma classe dominante e há uma cultura da classe dominante. Essa cultura da classe dominante é a cultura oficial, a cultura que deve ser aplaudida e espera-se que os elementos cultos de uma determinada sociedade levem mais lenha para a fogueira da cultura desta classe. É claro que dentro desta cultura de classe dominante existem vários segmentos e aí nós temos escolas procurando preponderar, mas que não nos interessa agora no momento. Mas dentro da cultura geral existem segmentos que procuram, pelo menos, expressar a inquietação diante do que existe, a não aprovação incondicional do que existe e, muitos, inclusive, expressam a voz daqueles que não podem falar. Aí a cultura oficial toma cuidados a esse respeito. Cuidados às vezes até bem tolos, ineficientes, porque eu acho que nós não podemos analisar a cultura oficial do Brasil comparando-a com a cultura oficial das nações dominantes.

"Temos que fazer uma cultura de contestação, para não sermos macaqueadores do exterior."

Nós somos uma nação periférica e a nossa cultura brasileira, para se afirmar, terá que ser sempre uma cultura de contestação, porque senão nós seremos simples copiadores, macaqueadores do que se faz lá fora. Eu acho, inclusive, que isso é um desafio ao intelectual brasileiro, porque se ele quiser se afirmar como intelecutal, criador de coisas novas, debatedor de idéias, ele acaba tendo de se afirmar com o povo e não com um grupo reduzido de pessoal que se aproveita do poder. Por um desvio de análise, há uma idéia de que qualquer pensamento que não seja de aplauso é negativo para o país, quando eu acho que justamente para o nosso país o que é positivo é o debate, é a contestação, é a procura de acabar com a voz monocórdica do que se vem dizendo desde que o Brasil foi descoberto em 1500. Em Santa Catarina, essa situação é muito nítida porque nós somos um Estado em que as coisas acontecem devagar, custam a acontecer, por uma série de circunstâncias históricas, econômicas e sociais e um

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Estado em que a massa crítica é muito pequena porque a nossa universidade é muito pequena e relativamente recente e a atuação da universidade, quando universidade também, só agora se faz sentir. Assim, a expressão das contradições dentro da sociedade também é abafada, não sendo mais possível que tudo continue assim, em tempo de valsa. Eu acho que isso é um erro e se o Estado quiser realmente progredir, se projetar, ele vai ter que lançar mão justamente daquelas normas de pensar, de ver as coisas que mesmo que não estejam cem por cento certas — eu não posso afirmar se estão certas ou erradas — representam uma visão nova e que pode contribuir para a melhoria do nível cultural do Estado.

BM — *Nos temos conhecimento de que acabas de realizar a tua dissertação de mestrado. Poderias fazer uma síntese da conclusão deste teu trabalho?*

EM — Eu fiz um mestrado em comunicação e desde há muito que uma grande preocupação minha e de uma porção de gente pelo Brasil afora é com o cinema, porque nós achamos que o cinema nasceu como uma arte de massa, tem a destinação histórica de arte de massa e tem um papel importantíssimo a desempenhar no Brasil, no sentido de expressar a sociedade brasileira. Sendo uma arte que não se destina a uma leitura individual, mas a uma leitura coletiva, obriga quem lida com o cinema a procurar uma liguagem que, sendo pessoal, sendo autêntica, ao mesmo tempo possa chegar a muitos. É o oposto do trabalho de gabinete e, também, atingindo a muitos, é debatida por muitos, recebe de imediato um retorno, há aquela realimentação do processo que permite uma crítica para futuros trabalhos. Isto tudo em tese, deveria ser assim. Na verdade não é.

"O cinema brasileiro luta por um espaço que é seu."

O cinema brasileiro é um cinema que tem que conquistar o espaço que normalmente é seu. Tem que lutar palmo a palmo com as multinacionais, contra o fato delas não só engolirem o mercado como deformarem a posição aqui dentro, porque certos setores interessados mais na parte comercial do que na cultural fazem subprodutos horríveis para competir com o que vem de fora. As tão faladas pornochanchadas nada mais são do que substituto brasileiro de coisas que vieram aos montes da Europa, principalmente através de produções ítalo-americanas, já que os americanos tinham dinheiro parado na Itália e gastaram nos tais filmes pornográficos.

Então, nós, muito preocupados com isso, chegamos até a fazer aqui *O Preço da Ilusão,* que foi um filme frustrado. No Rio, nós nos interessamos também neste sentido, trabalhando em roteiros com Marcos Farias na *A Cartomante* e depois no trabalho mais importante, muito mais demorado e sério, que foi a adaptação, para o cinema, do *Fogo Morto,* de José Lins do Rêgo. Obtivemos um resultado satisfatório, eu gosto bastante do filme e não saiu o melhor possível porque você não trabalha em cinema sem ter o orçamento na sua frente. Toda a nossa imaginação criadora esbarrava sempre com uns cifrõezinhos naquilo que a gente pretendia fazer. Eu acho que o cinema brasileiro precisa ter dinheiro para ser feito, mas não devem ser projetos nossos as superproduções. Nós temos que fazer cinema de país pobre, que quer fazer não um filme por ano, mas precisa fazer cem, duzentos. Mesmo porque o grande filme brasileiro, a obra de arte, vai nascer da multiplicidade de filmes que se façam e das interações, das influências que esses filmes, até inteiramente falidos, vão ter para produzir uma obra boa. Para qualquer atividade artístico-cultural, a multiplicidade de propostas e a quantidade de produtos é importante, inclusive para que nasça a obra-prima, que ninguém sabe quando vai nascer, porque não há uma linha de montagem em matéria de cultura. Há uma impregnação de um caldo cultural, imprevisível, que ninguém pode ter receita e que é preciso deixar acontecer. Preocupada com essa questão do *Fogo Morto* — houve uma época que uma série de filmes brasileiros mais sérios, feitos com a intenção de desempenhar algum papel cultural, se baseava em obras literárias e havia muita discussão sobre literatura e cinema, até que ponto é importante ou não levar a obra literária para o cinema — discutindo se esse fator era válido é que eu fiquei preocupada com o assunto e resolvi fazer minha dissertação de mestrado sobre Literatura e Cinema — os pontos de contatos e de divergência entre as duas manifestações, as linguagens e a importância do cinema para a cultura brasileira. Debati isso e depois fui checando no *Fogo Morto* durante a elaboração, a realização, exibição, até que ponto essas coisas concordavam com as idéias que havia exposto. Em tese, eu dizia o seguinte: a afirmação de uma cultura brasileira democrática, popular e nacional, tem como impedimento principal, é claro, as razões históricas e sociais da formação do Brasil, a dependência cultural brasileira, o fato de nós sermos uma nação colonizada culturalmente, em que os centros de decisão exportam para nós não todas as idéias que eles produzem lá, mas aquelas que eles julgam úteis ao nosso desenvolvimento controlado. E nós, muitas vezes, funcionamos como lata de lixo da produção cultural dos centros de decisão. Constata-se também que todos os nossos projetos culturais são realizados não em função das nossas necessidades reais, mas em função de não deixarmos de ser caudatários.

"Nós carregamos água em baldes furados."

Então nós temos, podemos dizer, projetos culturais esquizofrênicos, porque para se afirmar eles têm que ser nacionais, mas para eles receberem apoio, têm que ser antinacionais. Isso dá uma verdadeira esquizofrenia na vida cultural brasileira, que provoca, inclusive, a não utilização de todas as nossas forças. Nós, na verdade, trabalhadores culturais brasileiros, somos pessoas que carregamos água em baldes furados porque o nosso esforço, no sentido de produzir alguma coisa, é sempre solapado. Eu também discutia isso na minha dissertação: o que é que se pode fazer? É claro que a superação desses lados negativos de todo esse processo não é uma superação cultural. É uma superação econômica e política. Só o Brasil deixando de ser uma nação caudatária para se tornar uma nação soberana, auto-afirmativa, que trata seus projetos em função dos seus interesses, e não dos interesses que não são os seus, é que o nosso esforço cultural vai dar seus resultados. Isso não quer dizer que nós vamos deixar de fazer alguma coisa, porque a nossa ação cultural é também uma contribuição política à superação desse estado de coisas.

Analisando depois isso tudo em relação ao *Fogo Morto,* fomos ver que batemos em cima de todos esses problemas, porque o *Fogo Morto,* com todo o entusiasmo que foi feito, é um projeto falhado porque não teve divulgação, não teve público, nem chegou ao público. Sendo um filme que pretendia ser acessível ao grande público, ele foi lançado num cinema de arte , e como não era um filme pretensioso, os críticos — que ficam lá do alto de seus tamancos —, acharam ruim porque ele não tinha jogo de câmera, nem linguagem cifrada e os críticos que não acharam ruim não puderam dizer porque se eles dissessem colocavam o filme em má situação. A experiência de realização do *Fogo Morto* foi uma experiência que veio corroborar a situação que a gente analisa e que vê na cultura brasileira de hoje em dia.

(Entrevista a Colaca Grangeiro e Silveira de Souza)

Fotos: Paulo Afonso Matos.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

OS QUE ESTÃO CHEGANDO

Luís Antônio Martins Mendes

Nascido no Rio de Janeiro, Martins Mendes reside há vários anos em Florianópolis e está integrado nos movimentos culturais que se realizam aqui. É Engenheiro de Telecomunicações e tem um livro de poemas *Pedra Redonda*, editado pela Lunardelli. Também é contista, com trabalhos publicados nas revistas *Cordão* (Joinville, SC) e *Contos e Novelas* (Florianópolis).

MORTE DE MINHA MÃE

I
(No Instituto Médico Legal)

Liberar um corpo.
Morto.

Difícil.

Abutres atrás de notícias.
Fáceis.
Vendáveis.

Um longo caminho de solidão.
Buscando,
em vão,
alguém
que ainda ontem
estava conosco.

II
(No Velório)

Mamãe estava ali.
Parada.
Imóvel.
Serena.
Em volta de seu corpo,
cretinos,
canalhas,
imbecis e
infelizes
que jamais compreenderam o seu jeito de amar.
E,
eu
e
papai,
que não soubemos aproveitar
todo amor que ela tinha para nos dar.

III
(No Cemitério)

Lá longe o sol se punha entre cruzes e anjos .....
.....
Numa sepultura,
até então de visitas bissextas,
depositaram
o corpo
de mamãe.
.....
Para sempre.
E,
nós todos aqui ficamos,
órfãos de seu amor,
de sua bondade,
de tudo.
Dor.
O sol também se punha para nós .....
Para sempre.

Ilustração de Pedro Pires

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Inês Mafra

Surgiu com o grupo que editou o *Cogumelo Atômico* (Brusque, SC), nanico de müita força e expressividade que circulou no Estado e fora dele durante alguns anos. Participou também do mimeografado *Flama*. É contista, poeta, e também transa teatro. Tem trabalhos publicados nas coletâneas *Os Contos da FURB* e *Outros Catarinenses Escrevem Assim*. Atualmente, residindo em Florianópolis, Inês prepara o seu primeiro livro de contos, do qual *A Estranha Flora* aqui publicado é uma amostra do seu valor.

A ESTRANHA FLORA

O vento vinha lhe trazer boas vindas, suavizar suas lembranças, o vento era um transformador benéfico, gostava de se soltar nele.

— É o vento!, havia êxtase em seu pequenino rosto ao pronunciar vento. Aqui natureza, estou aqui, jogue esta coisa invisível no abismo onde me encontro, vento me enlace, deixe-me tonta de prazer.

As bananeiras, os abacateiros, os ipês, jogavam folhas no chão ainda úmido pela chuva da manhã. A velha casa de agregados tijolos crus, sem pintura, com suas janelas originárias de um tempo desconhecido, amplas janelas, parecia encher-se de vigor com a chegada de vento. Uma mulher enrugada, com um lenço branco envolvendo a cabeça, dirige-se com esforçados passos até a janela. Ali, permanece numa atitude contemplativa, de vez em quando, movimentando levemente os lábios, como se a seguir fosse sorrir ou falar alguma coisa. Ela se debruça na janela.

— Hoje vou cozinhar figos. Deixar aquele cheirinho gostoso se espalhar na casa. Que dia adorável! Nem parece que estou velha, sinto a vida pulsar selvagem e decidida dentro de mim. Vento e figo. Ondulações e delícias. Comer a fruta sentindo o gosto do passado na boca. Olhar o alto, envolver-se na mistura da doce essência e do aéreo misterioso. Vento e figo, por que não? — e suas mãos esfregavam os tijolos próximos à janela. — Vento e figo, ficava repetindo, como se o gato, que brincava no quintal assustando os pardais, pudesse ouvi-la.

Assim era Flora. Alguns diziam que era completamente louca, outros achavam-na uma velhinha muito inteligente, forte e corajosa. Nunca tive coragem de me aproximar dela, adorava observá-la de longe, sem ser vista, às vezes me escondia nas ramagens das árvores. Ela era extraordinária.

O vento também acaba. Flora constatava a sua ausência, triste, suas mãos alisavam os cabelos, um gesto inútil, tentando paralisar as quedas que ultimamente tinham sido constantes. Não gostava de ver as coisas paradas, eu sabia disso. Imobilidade completa assusta. A morte vem avisar que não se esqueceu da gente. É como se dissesse: "Dê uma olhada aqui, observe como as coisas estão paradas, rígida imobilidade dominando todas as coisas, é a minha presença."

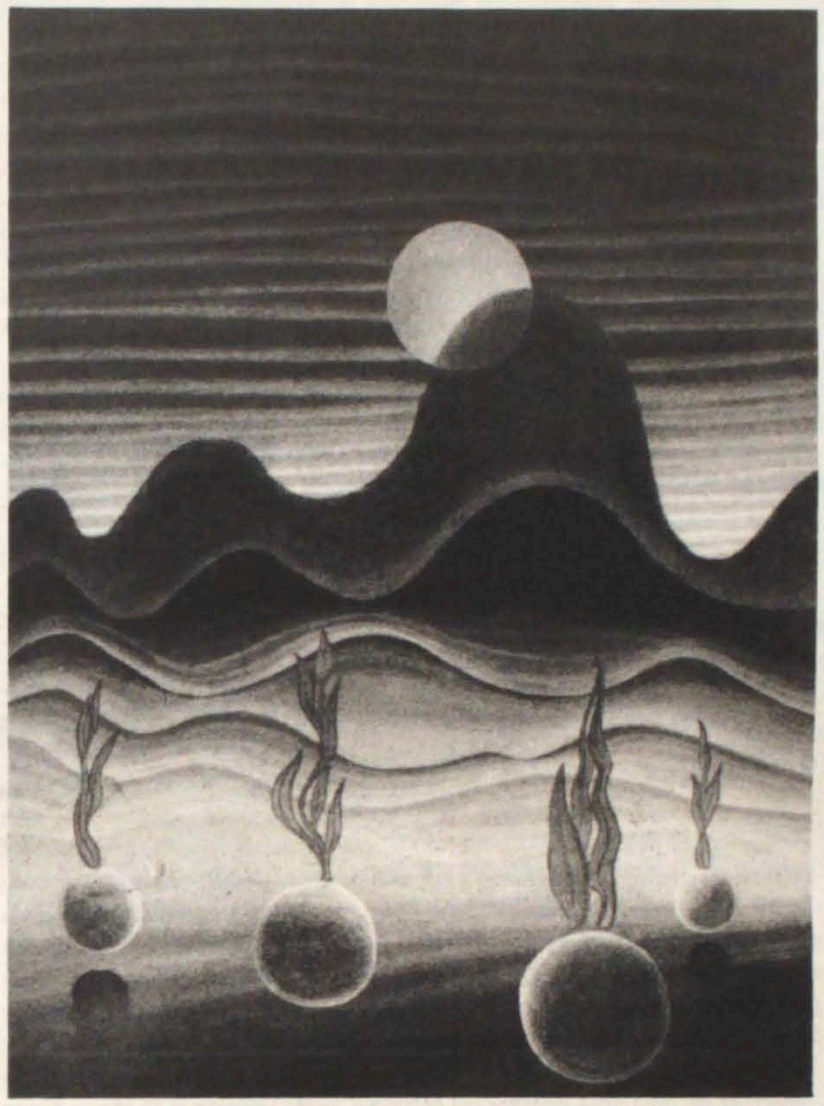
Aceitou a velhice sem alarmes, sem desespero, com naturalidade até. A velhice e a solidão. A solidão com dignidade, havia um encanto secreto na escolha que fizera: viver só. No início, os parentes estranharam, não ficaram apenas nisso, partiram para a luta, enumeraram argumentos, tentanto provar à velha quanto descabida era a sua decisão. Atitude infantil, imatura, um capricho sem sentido, foram algumas das designações dadas. Diziam que mais tarde iria se arrepender. Sim, iria se arrepender amargamente. Que mudasse de idéia, que refletisse, que botasse a cabeça no lugar enquanto era tempo. E, eles esperaram, no exterior, durante anos, um arrependimento, alguma carta, algum pedido de retorno. Esperaram em vão. No fundo, estavam até aliviados por terem se livrado dela.

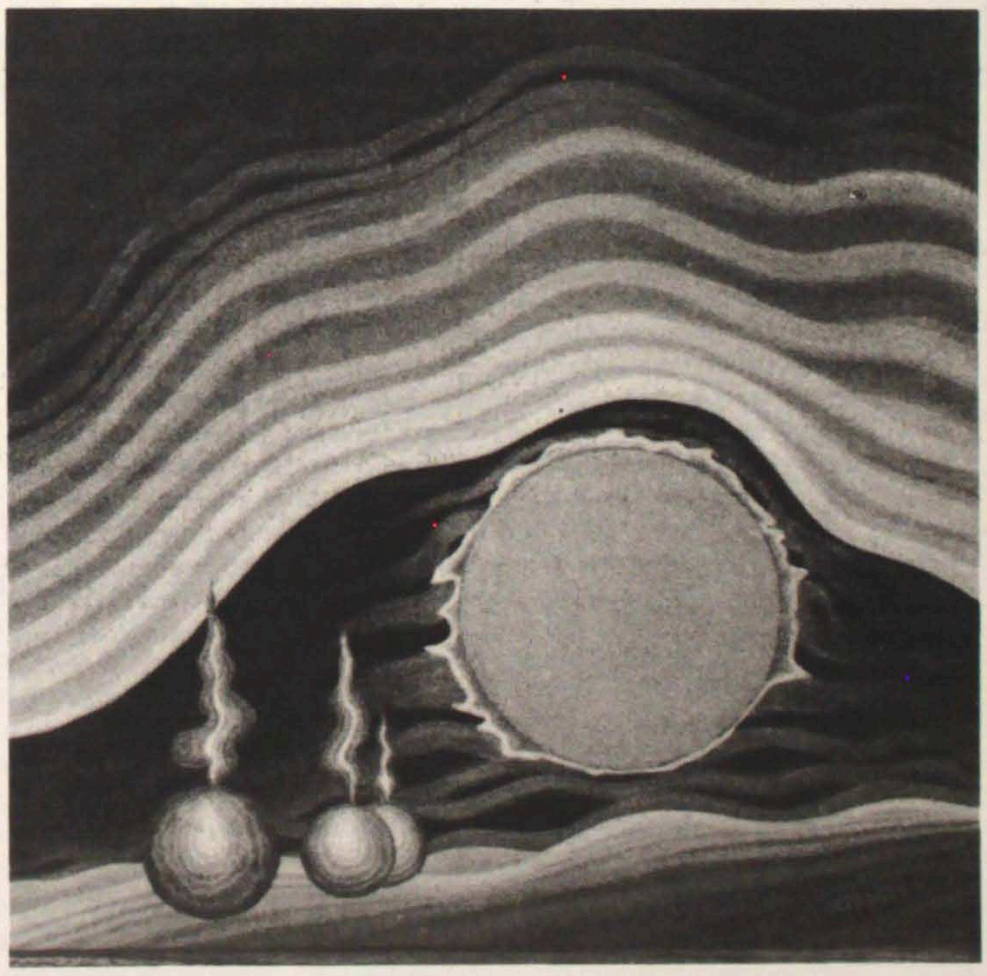
Ela estava entretida em seus pensamentos, mergulhara tão a fundo no passado, que ignorava qualquer coisa que acontecia no momento presente. "Com a breca", grita, levantando a cabeça, olhando além da janela, "então anoiteceu, o crepúsculo já passou e eu não percebi nada disso! Às vezes pareço tão tola, ocupando-me de pensamentos que cheiram à morte e deixo escapar uma coisa tão linda. No crepúsculo, a vida se encontra com toda a integridade, com seus pólos contraditórios como querem alguns. Prefiro dizer pólos complementares. Sombras e luzes, claro e escuro, na verdade se complementam. Palavras e silêncio, pensar e agir, sonho e realidade e, assim por diante, as coisas se complementam. Até se confundem. Uma pode atravessar no caminho da outra".

A cabeça caída no limiar da janela. Depois de ter falado para as estrelas, dormiu. Assim, ao relento, sonhou com. . . "Flora, Flora, vem brincar comigo." Fininha voz de criança, no fundo do sonho, rouca e perdida.

Tomasini

Humberto Tomasini, nascido em Nova Trento, SC, é um dos valores que vêm conquistando a cada dia maior expressão na pintura catarinense. Interpreta as suas paisagens como "uma forma de resposta poética ao mistério e à glória da natureza". Desde 1972, realiza exposições coletivas nas principais galerias de arte de Santa Catarina. Em novembro do ano passado, realizou uma individual na Casa da Cultura, em Florianópolis.





ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

espiral

A REVELAÇÃO DE UM POETA

A Fundação Catarinense de Cultura reinicia a "Coleção Cultura Catarinense" com a estréia meritória de novo poeta, que saudamos com satisfação, prevendo-lhe destacada projeção literária, se o tempo não desgastar ou arrefecer seu ânimo, o humanismo de sua cosmovisão e o vigor expressivo de sua imagística. Referimo-nos a Eulália Maria Radtke e a seu livro de poemas *ESPIRAL* (1980).

Não é um livro volumoso; nem chega a 100 páginas. Não contém textos compactos; somente algumas palavras e linhas em cada página, suficientemente densas. Não explora temática altissonante, de relevância na sofisticação social ou política; apenas se debruça sobre essa criatura esquecida que é o ser humano.

O poema de Eulália impõe-se de imediato por algumas características. São poemas curtos (os 71 textos podem ser lidos em meia hora), escritos em versos livres e brancos, com ausência de pontuação. No entanto, são versos densos, elípticos, verdadeiros pensamentos que encerram profundas sugestões para alimento de espíritos menos apressados, automatizados ou pragmatizados. E o período de meia hora para a leitura de sua totalidade pode desdobrar-se, no mínimo, para reflexões ou releituras em torno de cada poema.

Análise imanente (*close reading*), apoiada na estatística, indica-nos as palavras-chaves do texto, que conduzem às coordenadas básicas de sua cosmovisão. Predomina absolutamente no decorrer de todos os poemas a referência a "sonho". Ao lado de 5 passagens relacionadas com "sono", 22 outras referem-se explicitamente a "sonho". Essa recorrência altamente expressiva poderia representar um certo risco de cair na evasão alienante do Romantismo. Entretanto, vemos o sonho aqui muito mais ligado ao ciclo vital, à expectativa do jovem diante da vida. O "sonho" às vezes assume ares negativos de desilusão ("E muitos meninos / Desbotando seus sonhos" p. 42 – "Mas fui um sonho / E morri inédito" p. 30), mas também representa elemento intrínseco à própria personalidade ("O sonho / É mais velho / Que meus ossos" p. 51) ou uma fusão essencial com a própria realidade ("Irmão / Para pintares / O sonho / Terás que descobrir / A cor do mundo" p. 47) e por isso não deverá constituir enganosa ilusão, colocando-se o poeta num gesto de abertura construtiva, totalmente antípoda da alienação: "Não farei leilão / Dos meus sonhos / Construirei / Muitas portas / Com feitio / de esperança" p. 71. O próprio título *ESPIRAL*, muito significativo para a abertura de uma obra poética em processo, pode relacionar-se com a busca de abrangência infinita do "sonho".

Sem dúvida, estamos ante uma palavra-chave, que define duas vertentes: o passado e o futuro. E assim deparamos com outra referência constante: o "tempo". 11 passagens levantam sua problemática, seu inexorável fluxo, sua ligação com o passado e com a infância. O tempo pode assumir ambígua dualidade (". . . o tempo / É arma acesa e fantasma" p. 42) ou dúbias dissimulações ("Ah! curvaturas de um tempo" p. 44 – "Há no tempo / Raízes atando meus pés" p. 28), mas é também prova de engajamento e resistência ("E meu silêncio limpo / No tempo resiste" p. 51) e sua passagem nem tudo pode modificar (". . . ante a paisagem dos anos / A infância / Ainda é o mesmo trapezista . . ." p. 35). O tempo pesa mais em relação ao passado, introduzindo o aspecto da "memória" (6 referências), ainda aqui num sentido desilusório ("Dói ouvir / O gemido da memória" p. 59 – "As coisas que amei /Espetáculo desbotado / Dançando no palco / Da memória" p. 86), mas também pode constituir novo impulso de vitalidade ("Sangue novo / Que trago na memória" p. 23). Ainda nesse sentido de passagem e separação, há por 6 vezes um retomar do aspecto "distância", embora aqui a implicação seja mais espacial, complementar do temporal.

O "sonho" e as implicações temporais nos conduzem à problemática central da "solidão" ("a solidão sangra" p. 43), 5 vezes explicitamente referida e complementada pelo "silêncio" (10 referências). Esse "silêncio" pode tender à deprimência ("Meu esquivo silêncio" p. 85 – "Arrasto o silêncio" p. 33), como também pode ser atmosfera construtiva ("Enquanto o silêncio / / Fecunda este vale" p. 41 – "Acordaram o silêncio / De minha porta" p. 56) e representar segurança ("O vento / Move folhas / O silêncio / A certeza" p. 70). O complemento do silêncio é o sossego, a "Quietude" (4 referências) e sobretudo a busca da "paz" (4 referências), estado sólido veiculado em belíssima imagem como: "Recebe o telegrama / Dos meus olhos / – A paz" p. 39 – numa atitude suave de "ternura" (4 referências): "Teço de ternura / Minha alegria" p. 41 – "Vim para desenhar / A ternura" p. 39.

A esses elementos mais estáticos, voltados ao passado, às vezes envoltos em atitude desilusória, opõe-se todo um dinamismo aberto para o futuro. A reação concretiza-se já no "grito" (4 referências), de conotações um tanto agressivas. E várias imagens, que implicam vida e movimento, abrem caminho para a "esperança" construtiva (3 referências): "porta" é abertura de passagem ("Construirei / Muitas portas / Com feitio / de esperança" p. 71); a "luz" e a claridade (7 referências) são indispensáveis para o caminhar – "Quero ser para o mundo / Não apenas / Palavra fictícia / Mas um facho de luz / – Eterno motivo" p. 37; a "ponte" (6 referências) é a união, a comunicação – "Sei da ponte / Entre a palavra / E o coração" (p. 32). E os elementos originários, básicos, distinguidos desde a formação do pensamento filosófico, estão aqui destacados: a "terra" (5 vezes), o "vento" (mais dinâmico que o ar – 8 vezes); a "água" (3 vezes) complementada pelo dinamismo do "rio" (7 vezes) e ainda o "fogo", de passagem.

Conscientemente o poeta assume sua função: "Tecer a palavra / É meu ofício" p. 51 – voltando 10 vezes a referir-se ao seu meio de expressão – a "palavra", bem como se ocupa 5 vezes do seu resultado – o "poema".

A partir dessa diagnose podemos concluir que o poema de Eulália explora como tema fundamental a busca e a luta pela realização do próprio ser humano e também do poeta criador. O sonho, que revela por um lado um fundo de desilusão, separação ou rompimento, um estado de solidão, não assume aquela atitude derrotista, de solipsismo e definhamento nostálgico, mas encerra reação construtiva que busca superar a solidão, através de elos e pontes de comunicação. E seu lirismo, de raízes profundamente humanas, anseia por uma atmosfera de quietude, ternura, paz e amor, para alcançar a realização fraterna com o ser humano.

O homem, a realização do ser humano, a fraterna convivência constituem a base de sua cosmovisão: "Vim para ti / Irmão" (p. 39), para o "Monumento fraterno / Que edifico" (p. 38), pois "Meu invento / É estar envolto / No fantástico / Ninho humano" (p. 87). Por isso, sua atitude será sempre construtiva: "Construirei / Muitas portas" (p. 71) e mais decididamente assume atitude de altruísmo pleno: "Não os convido / À fonte / Dou-lhes a fonte" (p. 82). O quase constante apelo conativo, expresso pelos pronomes de segunda pessoa (tu, te, ti, teu, tua, contigo), bem caracteriza esse anelo comunicativo, ao mesmo tempo em que complementa a auto-realização, que necessita mesmo recuperar-se da dispersão:

"Não te peço / A claridade / Dos astros / Dá-me / A minha sombra / Que saiu à tua / Procura" (p. 76).

Autêntica na sua função ("não sou poeta / De quadro estúpido / Nem ponte de salvação" p. 50) e consciente de seu correto proceder ("Nunca armei / Alçapões na vida" p. 78), o poeta já no primeiro poema, ao propor seu gesto de abertura e altruísmo, reconhece suas limitações para as quais pede compreensão: "Não me julgue / Um pássaro torto / Julgue o vôo / Que este pássaro / Fez / Para chegar / A ti" p. 15.

Sobre a linguagem poética de Eulália, altamente criativa e expressiva, não há mais muito a dizer, pois a vasta exemplificação dada já permite ao leitor aquilatá-la. Poesia faz-se com palavras (embora não só com palavras) e Eulália sabe de fato harmonizar conteúdo e forma numa totalidade bela e significativa. Exatamente por serem breves seus poemas e seus versos, a exigência formal é mais acentuada, pois a plurissignificação, a conotação assumem maiores proporções. E o verso de Eulália flui entre aliterações como "Tu / Fonte de siglas / Signos e sina" p. 24 ou a vigorosidade de: "Fio da fala / Que fere" p. 16; entre metáforas totais, como: "Fui planície / E montanha / Hoje / Um rio corre manso / Como o meu querer / / E estar na vida" p. 67; entre sinestesias: "Costuro a solidão / Para não pendurar / Um sono torto" p. 20 ou "Penduro às pressas / Meu sonhos / Na hora da dor" p. 44, como ainda entre imagens carregadas de surrealidade: "Existem pássaros / Ancorados / Na proa do meu sonho" p. 48 ou "Repousa em mim / Um candelabro / De luz mansa / E na umidez do barro / Sob os pés / Sinto um homem / Cavando a solidez" p. 66.

ESPIRAL revela um poeta já em ato, como ainda de promissora potencialidade. Eulália estréia entre a perplexidade jovem de sua temática e a consciência madura do seu fazer poético. O poeta ali está, consciente e consistente. Haverá condições para seu desenvolvimento e lugar para sua criação poética?

Lauro Junkes

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

Foto: Vera Collaço

Mensagem aos Teatros Experimentais

Em 27 de março passado se comemorou o Dia Internacional do Teatro. Nesse mês o Boletim do Instituto Internacional do Teatro — da UNESCO — editado pelo Centro Venezuelano de Teatro, publicou uma **Mensagem Venezuelana do Dia Internacional do Teatro**, *de Rodolfo Santana, que se nos afigura de grande oportunidade para os grupos experimentais da América Latina.*

Alguns trechos dessa **Mensagem** *é o que "Boi-de-Mamão" publica a seguir.*

"Este ano a mensagem se dirige aos grupos experimentais, ao reduto daqueles que se situam na vanguarda, buscando novas experiências, num ofício que poderá adquirir um alto grau de fossilização quando sua linguagem não é questionada ou se o abandona nos mesmos espaços de sempre. Na Venezuela, a atividade dos grupos experimentais é bastante precária, acrescentando-se que na maioria das vezes a solução inusitada a diferentes problemas cênicos, deve-se não tanto a uma proposta concreta de ruptura com as formas tradicionais, mas à impossibilidade dos grupos de ter acesso a condições normais no desenvolvimento de suas tarefas. Trabalha-se em espaços não convencionais, é certo; mas por ausência de salas adequadas. Há restrição no uso dos elementos técnicos, é verdade; mas por falta de recursos. A escassez agudiza a criatividade e projeta a imaginação, porém acredito que estaríamos incorrendo num erro se chamássemos a omissão de Experimento. Se chegássemos a crer nesse fato, concluiríamos que grande parte do teatro venezuelano é de caráter experimental; que as mil e uma tentativas para aglutinar o pessoal de teatro num grêmio em que todos se movam com idêntica responsabilidade na defesa de seus interesses, são experimentais; que as circunspectas discussões teóricas realizadas ultimamente sobre a arrogância de nossos críticos e criadores são experimentais; e que, enfim, as opiniões que se destilam nas provetas dos órgãos culturais para ministrar ajudas, programas e subsídios, também são experimentais. Por sorte, não incorremos nesta arrepiante fantasia e, reportando-nos ao verdadeiramente experimental em nosso teatro, podemos indicar que sua falha essencial se fundamenta na ausência da faculdade demolidora que possui a linguagem de vanguarda.

O teatro se expressa quando explica a história dos povos, pois é ali, no grande mural dos caracteres e contradições da sociedade, que ele fundamenta suas noções estéticas e o genuíno de seu discurso. Uma mensagem que se implante num conflito conhecido e o agite, levanta a reflexão desse conflito até as suas últimas conseqüências. Mas parece existir neste momento, salvo honrosas exceções, certa incapacidade para entender um meio ambiente que, para criadores prevenidos e conscientes, poderia constituir um manancial de histórias e recursos, de formidáveis possibilidades.
Nosso cidadão fica indignado, protesta nas esquinas, nos abarrotados meios de transporte. Sente-se injustamente tratado e comenta com fúria o implacável comportamento do poder e da hierarquia. Onde está o teatro que se aproxime dessa fúria?
Quando, como criadores, assumamos e plasmemos essas situações, estaremos fazendo teatro experimental. E o experimento seremos nós próprios, nossas contradições e sonhos, numa especulação dramática que transcreverá a da humanidade. Se não conseguimos que seja assim, então o teatro continuará sendo uma mimese forânea ou uma transação com a estética assentada no crédito dos produtores.

A participação das comunidades despojadas numa ordem econômica e social mais justa, deve estar unida a uma difusão real da cultura. Uma comunidade é mais laboriosa quando lhe são satisfeitas as suas solicitações espirituais. No que se refere ao teatro: deverá confiar-se tarefa tão imprescindível à empresa privada, quando ela tem demonstrado exaustivamente que o objetivo que a move é a ganância? Negando a pergunta se conclui, então, que seriam os grupos de teatro Independente os chamados a cumprir um papel eminente nesta conjuntura. E mais: estão comprometidos a essa tarefa, ainda quando as instituições culturais prossigam em suas políticas erráticas. Para o teatro todos os tempos são importantes, e isto não é tudo. À mentalidade empresarial, à inércia dos programas culturais, deve responder-se com uma modificação substancial da atitude perceptiva e expressiva do espetáculo, e uma aplicação sem tolerância dos princípios e compromissos da nossa profissão. A oferta mercenária, o abandono da busca e do risco, devem ser contidos com uma atitude humanista e corajosa, a mesma que erigiu, em meio de inúmeras dificuldades, as bases do nosso teatro contemporâneo".

(Colaboração de Vera Collaço).

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

DIA ÚTIL

Francisca Rios
(Florianópolis)

E quando são mais de cinco horas
eu volto para casa
e acendo o vídeo.

Nem banho
nem pressa
nem vida.

O corpo é um peso,
a cabeça um zumbido.

Mas ainda me exigem.

Consinto e não peço:
embruteço.

CONCURSO PERMANENTE BOI-DE-MAMÃO

REGULAMENTO

Os trabalhos premiados serão aqueles selecionados para publicação no "Boi-de-Mamão" e o autor receberá como prêmio Cr$ 1.000,00 (hum mil cruzeiros).

Condições:

Contos e Poemas – datilografados em espaço dois, em três vias. Tema livre.

Fotografia e Cartum – uma via, 18 x 24, em preto e branco. Tema livre.

Reportagem – Mínimo de 4 (quatro) laudas de 20 (vinte) linhas, datilografadas em espaço dois. Tema catarinense.

Os concorrentes deverão indicar nome completo, endereço e CPF, para efeito de remessa dos prêmios por cheque.

Os trabalhos deverão ser remetidos à:
Fundação Catarinense de Cultura
– Concurso "Boi-de-Mamão"
Rua Victor Konder, 71
88.000 – Florianópolis, SC

POEMA FINAL

Hélio Mariano Canena
(Rio de Janeiro)

Não adianta chorar sobre as cinzas!
Está tudo morto:
a esperança, o amor, as crianças, os peixes,
as florestas, os homens, as aves, a inocência.
Os edifícios, hodierna Medusa,
transformaram todos os corações em pedra.
O breu do asfalto cobriu todo o chão
e inundou a alma de todos os seres.
São tantas as máscaras e simulações
que não se conhece mais a face
de um verdadeiro ser humano.
Está tudo morto
e nasci mortalmente ferido
e meu peito é uma chaga viva
proveniente das misérias e dores humanas.
A Natureza chora por meus olhos
e sangra pelas minhas veias abertas.

CONCURSO

O TEMPO REDONDO

Conto de ANDERSON SANTOS SILVA
(Salvador, BA)

Abrir a janela e ver que o tempo marcha, incontinenti, na ilusão do futuro, o olhar adiante e fixo, na projeção de sua própria sombra, real e inatingível, suspeitada no homem envelhecendo, e, contudo, adiada em cada filho e neto que, pai e avô, confundem princípio e fim, como se um e outro fossem apenas um. Ou fechar a janela para o lado de fora, onde carros e pessoas vão e vêm, entrincheirando-se na faixa de segurança, rigidamente subordinados à trilogia multicolor do trânsito.

Certamente, em uma daquelas tardes indecisas no tempo, quando sair de casa parece temerário para o homem comum que, não saiu, não choveu, reservando para poucos um estranho sentimento de sublimação que paira no ar como algo inacabado e une esses dois mundos que são a rua e o quarto do antigo sobrado, inclusive por uma pequena fenda que, finalmente, perpetua entreaberta a janela do terceiro andar, comunicando, a cada lado, o ruído próprio do outro.

É uma cidade grande. Mais ao longe, insólita paisagem de fábricas esparsas confirmam a idéia de progresso e, pelo modo como respiram suas solenes chaminés, riscando, em garatujas marrons, o céu da cidade, parecem muito conscientes da nobre tarefa que desempenham: transformar o oxigênio em materiais de plástico e duralumínio.

As fábricas, automóveis, pessoas. Nada. Na verdade, nada, lá fora, depende deste pequeno mistério para continuar existindo. No entanto, algo forte e dominante (não sei se seria o mesmo sentimento de sublimação), chamava a atenção do contista. Como se o centro de massa de toda a Terra fosse uma espécie de energia a condensar, na rua como no quarto, uma atmosfera imprevista pelo Serviço de Meteorologia a indicar um futuro bem mais próximo do que qualquer outro.

Tempos depois, algo entre o antes e o agora, lê-se num jornal, por interesse ou mero acaso, relato completo do ocorrido. A mente de alguns ousou mais que dez por cento. Insípido conservantismo e satisfação simplista rejeitaram.

Seria insensato imaginar mais de uma pessoa dentro do quarto. Não há diálogo ou, talvez, o surdo barulho na rua impeça a denúncia de uma presença singular, alguma coisa que apenas quatro paredes testemunham.

Curiosos e desocupados já não são os únicos solidários no pressentimento. Homens de gravata, jovens estudantes e os mais simples representantes do povo, individualmente ou em pequenos grupos, vão aparecendo; uns céticos, outros, visivelmente excitados, porém, unidos pela vontade universal de explorar o inescrutável. Oportunistas do Câmbio Negro cobram taxas de turistas desavisados, convencendo muito mais pelo Português mal falado que por qualquer outro motivo. Profetas populares juram ser uma premonição e reivindicam para si antevisões do evento.

O interior do quarto, acompanhando de perto, esboça um sorriso mudo.

Notando o alvoroço já formado, alguns policiais aproximam-se e ordenam: "Circulando! Circulando!". Foi acionado o botão que faltava. A multidão, atônita e incontrolável, precipita-se nos corredores do sobrado. O que era sorriso mudo, eriça-se e estremece um pouco. Vence, célere, os três lances de escada. Dentro do quarto, a dúvida, talvez não haja tempo. A multidão, na porta. O tempo contra o tempo. Mais um segundo. Dois. Um só golpe, a porta cede. E lá está: um homem sentado à máquina de escrever, no papel, está escrito: o tempo redondo . . .

. . . Abrir a janela e ver que o tempo marcha, incontinenti, na ilusão do futuro, o olhar adiante e fixo, na projeção de sua própria sombra, real e inatingível . . .

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

CARTUM – Mário A. B. Röhnelt (Porto Alegre, RS)

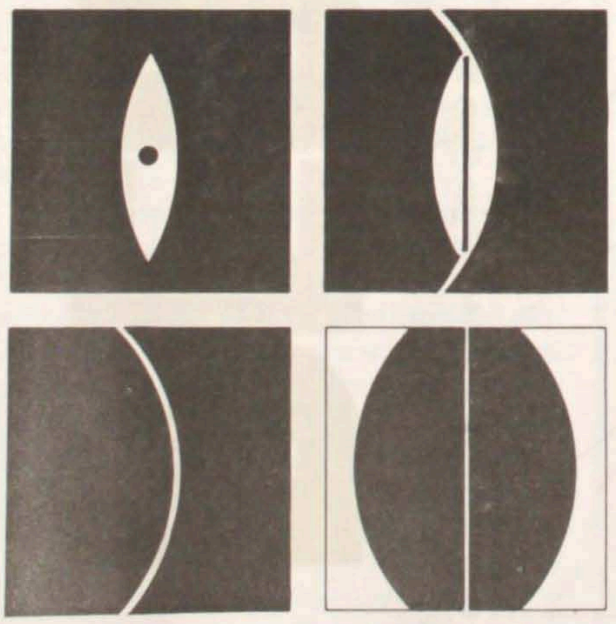
PERMANENTE

CHRISCHELLE

"Hoje inexiste um padrão geral definido que caracterize as artes e as letras como no Romantismo, Realismo ou outros momentos literários. Não há dogmas, regras ou normas a serem seguidas ou respeitadas com rigidez. O que existe hoje – pleno final de século – é justamente a busca, a perquirição do novo em termos de arte e literatura. Algo compatível com a realidade do mundo e do homem deste século".
Com essas palavras, apresentadas em introdução ao seu primeiro livro *Iriamar* (1978), o poeta catarinense Liberato Manoel PINHEIRO NETO definiu o seu posicionamento poético.
Ao lançar no início deste ano o segundo livro de poemas, *CHRISCHELLE* (Editora Lunardelli), Pinheiro Neto permanece fiel à sua visão múltipla do poema, que alterna as linguagens verbal e visual, para expressar um questionamento ou uma interrogação diante de temas como a inexorável passagem do tempo, o entendimento e a busca da liberdade.
"Retomando a estrutura lingüística e visual com que se firmara diante da crítica – escreve o crítico Celestino Sachet em "orelha" do livro – o autor entremeia a palavra em (de) construção visual com o símbolo gráfico em (re) construção lingüística. Isto para nos dizer, mais uma vez, que muito mais que a *história* seu poema é *discurso*."
"Boi-de-Mamão" mostra a seguir dois momentos de *CHRISCHELLE*.

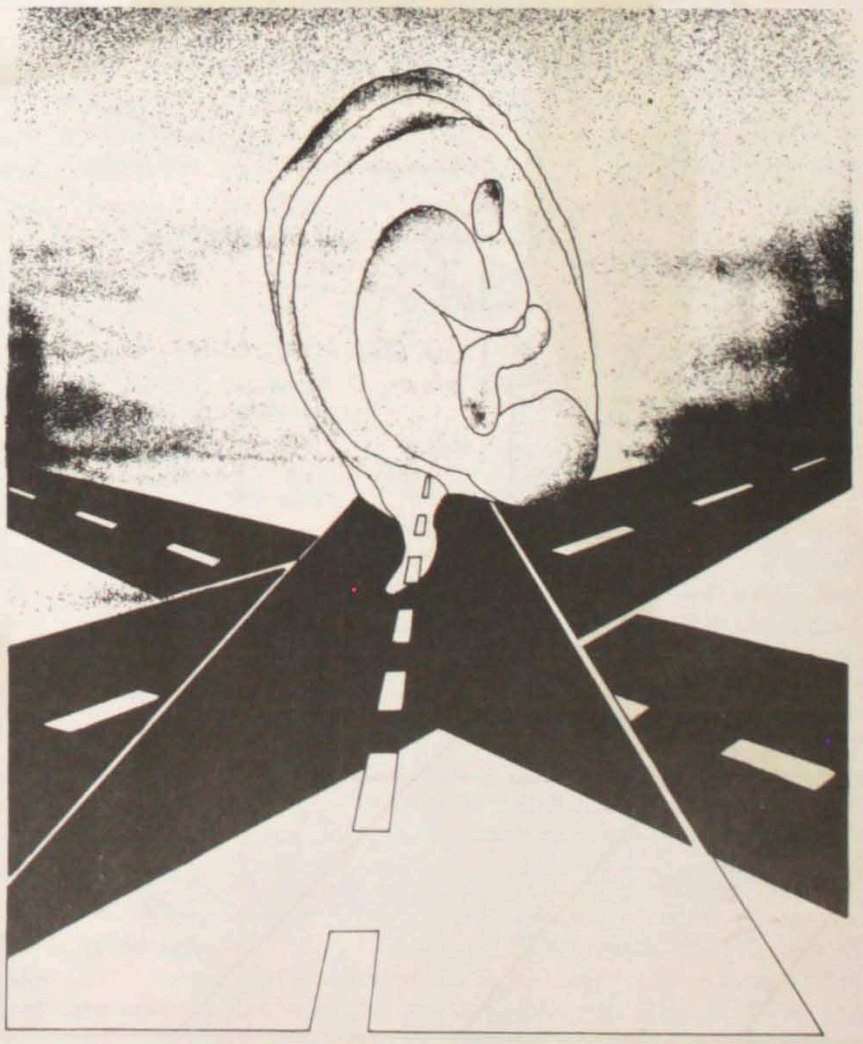
RE-FLEXAR 1

Uma flor é uma flor
até você decepá-la do todo;
um amor é um amor
até você arrancá-lo do peito;
mas a verdade é verdade
quando com frieza
olhamos o que nos cerca:
compromissos, traumas,
ligações, almas.



PERDA

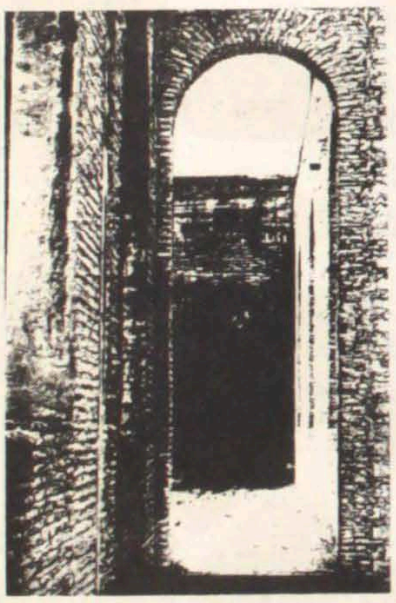
Perdeu-se o homem.
Todo o caminho
que negou abrir ontem
hoje lhe é negado;
toda a ternura
que escondeu ontem
hoje lhe é tirada;
todo o amor
que sufocou ontem
hoje lhe é arrancado.
Sangra muito o homem.
A dor que dói o peito
chora com vontade de fugir;
o amor que sente
se afoga mais e mais
na fumaça, no som
da bolsa fetal.
Perdido,
sofre muito o homem;
e sangra.



ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

LIVROS

Alegres Memórias de um Cadáver – Roberto Gomes. Edição da CooEditora, Curitiba, PR. A propósito dessa novela de Roberto Gomes, um catarinense que deu o que falar com o ensaio "Crítica da Razão Tupiniquim", diz o crítico literário Antônio Hohlfeldt: "Uma das parábolas mais bem realizadas a respeito da realidade brasileira recente que tive oportunidade de ler nos últimos tempos".



Ruínas de Silêncio e **Nenhuma Correnteza Inaugura Minha Sede** – Dois livros de poemas de Floriano Martins, editados respectivamente em 78 e 79. Floriano Martins faz parte do Grupo Siriará, que congrega um punhado de escritores e poetas da nova geração literária de Fortaleza, Ceará. Esses trabalhos são um exemplo da força e do talento do autor.

Ruínas de Silêncio é ilustrado com fotos de Paulo Aécio e **Nenhuma Correnteza Inaugura Minha Sede** traz capa e desenhos de Itamar do Mar.

Estórias (Bem ou Mal) Comportadas – É uma coletânea de contos inéditos, ainda em fase de composição gráfica, acertada em co-edição entre a Associação Catarinense de Escritores e as Edições Cambirela Ltda., de Florianópolis. O livro, cujo lançamento está previsto para o segundo semestre deste ano, reunirá os seguintes autores: Flávio José Cardozo, Edla Van Steen, Deonísio da Silva, Salim Miguel, Holdemar de Menezes, Emanuel Medeiros Vieira, João Nicolau Carvalho, Enéas Athanázio, Silveira de Souza, Adolfo Boos Jr., Glauco Rodrigues Corrêa, Eglê Malheiros, David Gonçalves, Amaline Issa, Amílcar Neves, Bento Silvério, Oldemar Olsen Jr., Inês Mafra, Artêmio Zanon, Vilson Nascimento e Pinheiro Neto.

O Grito Submerso – Poemas de Joanyr de Oliveira, que nasceu em Aimorés, MG, e reside atualmente em Brasília. Joanyr é detentor de vários destaques em concursos literários, autor e co-autor de livros de poesia e contos, tendo selecionado poemas e organizado os livros **Poetas de Brasília** (1962) e **Antologia dos Poetas de Brasília** (1971).

Em **O Grito Submerso** o autor reúne poemas laureados com o Prêmio "Secretaria da Educação e Cultura", da Fundação Cultural do Distrito Federal, em 1975, além de outros trabalhos. O volume integra a Coleção "Machado de Assis" e foi composto e impresso no Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, DF, 1980.

As Anedotinhas do Pasquim, de Ziraldo. Editora Codecri, coleção "Pasquinzinho", vol. 3. O conhecido cartunista e humorista Ziraldo apresentando "um livrinho de anedotas adotáveis em colégios. Uma coleção de anedotas que os meninos curtam muito e que as mães não se choquem ao ouví-las".

Pacote – Edição da Cooescritor, Cooperativa dos Escritores Gaúchos, que reúne os contos e poemas selecionados em concurso interno da Cooperativa em maio/junho de 1979.

Os seguintes autores integram a coletânea: Mário Cezar Goulart, Jaime Antonio Cimenti, Airton Ortiz, Paulo Betancur, Heleno Pereira, José Carlos de Queiroga, Maria Luiza Zanetti, Hércules de Araújo Meneses, Ademir Bacca, Antonio Xavier Balbé, Eleonora Rizzo, Rogério Raupp Ruschel e Alberto Crusius.

Santa Paciência – Poemas de Tony Bel, poeta gaúcho de Canela e vencedor de vários concursos a nível nacional. Em prefácio ao livro, escreve Loraine Slomp Giron, da Universidade de Caxias do Sul (RS): "O tema básico é o hospício do consumismo. O hospício não é Deus, como afirma Maura Lopes Cançado, o hospício é o homem, criador, co-autor, conivente e cúmplice da sociedade corrompida pelo consumismo".

Santa Paciência foi impresso pela Editora São Miguel, Caxias do Sul, RS.

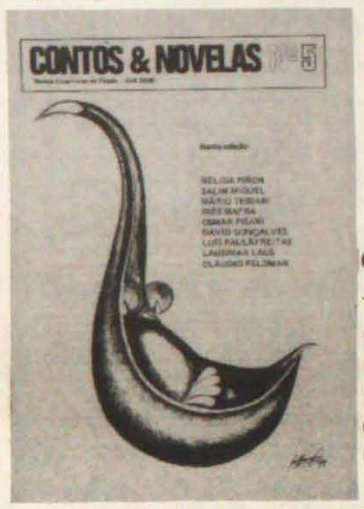
REVISTAS E JORNAIS

Perspectiva Universitária – Jornal do Movimento Universitário de Desenvolvimento Econômico e Social (MUDES), rua México, 119, 12o. andar, Rio de Janeiro, RJ.

Gente – Mimeografado editado por Jurandir Schmidt, rua Walmor Harger, 32, Vila Costa e Silva, Joinville, SC. Informações literárias, contos, crônicas e poemas.

Nação Cariri – Número 1, abril/80 – Crato, Ceará. Jornal literário feito com muito bom gosto. Correspondências para a rua José Carvalho, 385, Crato, Ceará.

O Escritor – Órgão oficial da União Brasileira de Escritores, rua 24 de maio, 250 – 13o. andar – São Paulo, SP. Diretor responsável: Péricles Prade. Artigos, reportagens e resenhas críticas de literatura.



Contos e Novelas – Revista Catarinense de ficção, editada por Glauco Rodrigues Corrêa e Silveira de Souza. Correspondência para Caixa Postal, 958, Florianópolis, SC. O número 5 apresenta contos de Nélida Piñon, Salim Miguel, Mário Tessari, Inês Mafra, Osmar Pisani, David Gonçalves, Luís Paulafreitas, Lausimar Laus e Cláudio Feldman.

Idéia – Ano 1, No. 8, maio/80 – Jornal cultural editado por Paulino Rolim de Moura, São José dos Campos, SP.

Opção – Revista oficial da Sociedade dos Escritores Novos de Minas Gerais (SOENMG), rua Japão, 15, Caixa Postal 1945, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Siriará – Ano 1, No. 1, julho/79 – Revista literária de Fortaleza, Ceará, apresentando artigos, ensaios, poemas e contos em bela apresentação gráfica.

Folha Literária – Página literária coordenada pelo Departamento de Línguas e Letras da UFAC. Informes literários, poemas e contos de autores de todo o Brasil. Correspondência para "Folha Literária", Universidade Federal do Acre, Av. Getúlio Vargas, 654, Rio Branco, Acre.

Ave – Mimeografado editado por Hélio M. Canena, rua Júpiter, 211, Rio de Janeiro, RJ. Naturista, anti-convencional, publica poemas, contos e pequenos ensaios em defesa da ecologia.

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

passou por Santa Catarina, viu nossa literatura, conversou com escritores e escreveu para o *Boi-de-Mamão* as impressões de sua viagem:

Malcolm Silverman*

Pôr em preto e branco o que a gente sente, nunca me foi fácil — e muito menos nesta tentativa de comprimir, em poucas palavras, as mil impressões sobre os últimos dias aqui em Santa Catarina. A razão? Raras vezes em minha vida passei tão bem num lugar previamente desconhecido, e em companhia de novos amigos cuja simpatia é só rivalizada pelas gratas memórias que levo embora comigo.

A visita, embora breve, superou todas as espectativas. Vim a convite de Salim e Eglê Miguel, queridos amigos e anfitriões exemplares, conhecer de perto um fenômeno cultural que está chamando cada vez mais a atenção — não só no resto do Brasil, mas também entre os estudiosos extrangeiros: a reafirmação, ou antes, o próprio renascimento de uma nova creatividade literária. Pude observar e admirar, com a perspectiva de alguém de fora olhando para dentro, a qualidade e variedade do que está sendo elaborado aqui em Santa Catarina. Em ficção e poesia, na capital e no interior, tive o prazer de conhecer muitos dos autores cuja dedicação ocasionou este boom crescente, e cujo esforço pretendo examinar mais adiante num trabalho escrito. E na vanguarda deste ressurgimento maravilhoso, incentivando-o a cada passo, é a Fundação Catarinense de Cultura, dirigido por João Nicolau — até outro novo e prezado amigo.

Falei ou não falei? Este «super-mini» depoimento não ia ser fácil! Daí, peço sua ajuda, aliás, colaboração: "leiam" as entrelinhas ENORMES, pois é nelas onde claramente aparecem seus nomes e nossos papos, em locais variados e aconchegantes; e também aparecem os livros gentilmente oferecidos — estes, particularmente cobiçados pelo investigador em mim. A todos de vocês, meu muitíssimo obrigado por esta experiência inesquecível.

O sempre amigo

Malcolm

(*) Malcolm Silverman é professor de espanhol, português e literatura brasileira na Faculdade de San Diego, Califórnia. Autor do Livro *Moderna Ficção Brasileira* publicado em 1978 pela Editora Civilização Brasileira em convênio com o INL/MEC. Sua viagem a Santa Catarina está vinculada ao interesse em conhecer a literatura de ficção realizada no Sul do País, atual objeto de seus estudos.

pixinguinha

um projeto carinhoso

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO Florianópolis	TEATRO CARLOS GOMES Blumenau
26/28 JUN D. IVONE LARA LECI BRANDÃO participação Gisa Nogueira diretor Sérgio Cabral	**30/JUN 02/JUL** D. IVONE LARA LECI BRANDÃO participação Gisa Nogueira diretor Sérgio Cabral
03/05 JUL NANA CAYMMI CONJ. BOCA LIVRE participação Lourenço Baêta diretor Sérgio Rocha	**07/09 JUL** NANA CAYMMI CONJ. BOCA LIVRE participação Lourenço Baêta diretor Sérgio Rocha
10/12 JUL QUINTETO VIOLADO ELOMAR participação Irene Portela diretor Érico de Freitas	**14/16 JUL** QUINTETO VIOLADO ELOMAR participação Irene Portela diretor Érico de Freitas
17/19 JUL BELCHIOR DIANA PEQUENO participação Cláudia Versiani diretor Antônio Chrysóstomo	**21/23 JUL** BELCHIOR DIANA PEQUENO participação Cláudia Versiani diretor Antônio Chrysóstomo
24/26 JUL INESITA BARROSO SÁ & GUARABIRA diretor Roberto Moura	**28/30 JUL** INESITA BARROSO SÁ & GUARABIRA diretor Roberto Moura
31/JUL 02/AGO JACKSON DO PANDEIRO ANASTÁCIA participação Cátia de França Conj. Borborema diretora Lígia Ferreira	**04/06 AGO** JACKSON DO PANDEIRO ANASTÁCIA participação Cátia de França Conj. Borborema diretora Lígia Ferreira
07/09 AGO ADELAIDE CHIOZZO ELIANA participação especial Kleiton e Kledir violão de ouro Carlos Mattos diretora Creusa Carvalho	**11/13 AGO** ADELAIDE CHIOZZO ELIANA participação especial Kleiton e Kledir violão de ouro Carlos Mattos diretora Creusa Carvalho

Continuando a sua temporada oficial de concertos deste ano, a Pró-Música de Florianópolis tem programada para este mês de julho, dia 22, às 21 horas, no Clube Doze de Agosto, uma apresentação da Orquestra de Câmara de Varsóvia, que tem sido comparada pelos críticos às melhores orquestras de Câmara do mundo. Seu repertório abrange, além do tradicional e moderno, partituras da música polonesa contemporânea.

Compõem o programa que será executado pela orquestra, sob a regência do violonista Karol Teutsch: A. Jarzebski (Séc. XVII) "Nova Casa e Tamburetta"; de Henrik Mikolaj Gorecki, 3 Composições em estilo antigo e de J. Haydn, Concerto para Violoncelo e Cordas. Também será executada a Sonata No. 2 de G. Rossini e Suíte para Cordas de Michael Spisak.

Para o mês de agosto a Pró-Música prevê duas promoções no Teatro Álvaro de Carvalho: um recital de violão de Álvaro Pierri, às 21 horas do dia 5 e um espetáculo de dança com Flora Gatha, no dia 18, também às 21 horas.

Um Salão para Novos Artistas

O Museu de Arte de Santa Catarina abrigará, de 7 a 22 de agosto próximo, o 1o. Salão Catarinense de Novos Artistas, que mostrará trabalhos de artistas plásticos catarinenses que nunca participaram de exposições individuais e que tenham tomado parte de no máximo duas coletivas. Podem concorrer para o Salão trabalhos de pintura, desenho, tapeçaria, cerâmica, escultura, entalhe, gravura, fotografia, objetos e proposições.

As inscrições para o Salão de Novos Artistas serão feitas de 23 a 25 de julho na Fundação Catarinense de Cultura (das 9:00 às 12:00 horas e das 14:00 às 18:00 horas) e no Studio de Artes (das 8:00 às 12:00 e das 13:30 às 22:00 horas). Os trabalhos que obtiverem os 10 primeiros lugares receberão os seguintes prêmios-aquisição: 1o. lugar, 18 mil cruzeiros; 2o. lugar, 13 mil cruzeiros; 3o. lugar, 10 mil cruzeiros; 4o. e 5o. lugares, 6 mil cruzeiros e do 6o. ao 10o. lugar, 3 mil cruzeiros.

Os candidatos poderão concorrer com três trabalhos em categoria. O 1o. Salão Catarinense de Novos Artistas é uma promoção da Fundação Catarinense de Cultura, Studio de Artes e Rede Brasil Sul.

Calendário Cultural

O Calendário Cultural de Santa Catarina deste ano marca ainda para o mês de julho a Semana Cultural de Rio do Sul; a IV Festa da Mandioca, na Praia do Campeche, Ilha de Santa Catarina, promoção dos clubes de tiro ao alvo nos municípios do Vale do Itajaí, com eleição do rei e da rainha do tiro, bailes típicos e desfiles e, ainda, a realização da Festa do Colono, em Pirabeiraba, Joinville, com apresentações folclóricas e cozinha típica.

Para agosto está prevista a Semana da Arte — Coletiva de Artistas Plásticos de vários Estados brasileiros, com uma programação de rua, incluindo: recital de poesias, apresentações teatrais e música, em Lages; festa religiosa tradicional do Senhor Bom Jesus, em vários municípios do Estado, destacando-se o de Araquari. No dia 9 deverá ser realizada a Festa do Prato Típico, em Blumenau; no dia 10 a Festa das Nações — uma homenagem aos imigrantes que compuseram a formação étnica do município, em Itajaí, e no dia 15, a Festa de Nossa Senhora de Azambuja, em Brusque. Precede à festa uma procisão luminosa no Morro do Rosário, com participação de romeiros de todo o Estado.

Ainda em Lages deverá se realizar a Semana do Folclore, com apresentações de grupos folclóricos da cidade e grupos formados pelo Projeto Lageano de Interiorização e Documentação do Folclore. Em Joinville também se pensa em fazer o IV Festival Catarinense de Folclore, que apresenta diversos grupos folclóricos de todo o Estado. De 24 a 31 de agosto será promovida a VI Semana Cultural de Orleans e de 30 a 31 o V Festival Estadual do Vinho, em Videira. No dia 31 será também realizado o Encontro de Corais em Joinville.

Um intenso programa de atividades culturais está sendo desenvolvido desde o último dia 7 em Itajaí, como parte da programação do VIII Festival de Inverno, acontecimento que já se tornou programa de tradição na cidade. Até o dia 13 continuam acontecendo a Mostra Catarinense de Artes Plásticas de Vanguarda, na Galeria Verde Vale; a Exposição de Fotografias do Núcleo de Fotografias da Aliança Francesa; IV Coletiva de Arte Infantil da Escolinha de Arte de Itajaí, na Prefeitura Municipal; a mostra "Mitos e Magia Catarinenses", do professor Franklin Cascaes, na Sociedade Guarani; Mural da Livre Criação, na Praça Arno Bauer.

Durante o Festival foram realizados muitos cursos das diversas modalidades de arte, como o curso de regência de corais, curso prático de fotografias, "Como Entender a Arte Moderna". Apresentações de peças teatrais e de cinema de arte também fazem parte do programa do Festival.

A ESCOLA PARTICIPA
MARATONA CULTURAL - 1980
PARA ALUNOS DE 2º GRAU

Escreva sobre o livro
SINGRADURA
e concorra a prêmios

SINGRADURA é o livro da maratona/1980 para as Escolas de 2o. grau

Dentro dos objetivos de incentivar a formação do hábito de leitura, desenvolver a capacidade de interpretação de textos, exercitar a prática de redação e tornar conhecidas a vida e a obra de escritores catarinenses, a Fundação Catarinense de Cultura dá continuidade, neste ano de 1980, à Maratona Cultural "A Escola Participa", lançada com muito êxito em 1979 e dirigida aos colégios de 2o. grau de Santa Catarina.

Para este ano foi escolhido para redação dos alunos de 2o. grau em todo o Estado, o livro *SINGRADURA*, de Flávio José Cardozo, indiscutivelmente uma obra das mais significativas da literatura catarinense contemporânea. Orientados pelo seu colégio e professores, os estudantes deverão redigir trabalhos de interpretação do livro proposto, trabalhos que — após uma seleção inicial dos próprios colégios — serão remetidos por estes à Fundação para julgamento final e premiação dos três primeiros lugares. Os alunos premiados receberão os prêmios: 1o. lugar: Cr$ 15.000,00 (quinze mil cruzeiros); 2o. lugar: Cr$ 12.000,00 (doze mil cruzeiros) e 3o. lugar: Cr$ 9.000,00 (nove mil cruzeiros).

A Maratona tem o patrocínio do Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) S.A.

Como vai funcionar a Maratona

O trabalho redacional sobre o livro *Singradura* — Proposto pela FCC — será solicitado pelos professores de língua portuguesa e literatura brasileira aos seus alunos. A redação poderá ser datilografada ou manuscrita e deverá ter, no mínimo 350 e no máximo 1000 palavras. Cada Escola selecionará um trabalho, que deverá ser remetido à FCC.

Cronograma

Os alunos deverão entregar os trabalhos ao professor de seu colégio até 30 de setembro. O colégio enviará o trabalho selecionado para a Fundação Catarinense de Cultura até 31 de outubro. E, por sua vez, a FCC deverá divulgar os três classificados até 25 de novembro, fazendo a entrega dos prêmios em dezembro.

O BESC
está com você
nesta maratona.

Estude,
trabalhe
e vença,

o BESC participa.

BESC
Um banco de idéias.

SESI SANTA CATARINA

CODESC

PROMOÇÃO:
FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Órgão da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo
PATROCÍNIO:
BESC
BANCO DO ESTADO DE SANTA CATARINA – S.A.
UMA EMPRESA DO SISTEMA CODESC

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA

ACERVO DA BIBLIOTECA PÚBLICA DE SANTA CATARINA